

## A REDENÇÃO DE CAM E O "MULATO": IMAGEM, POLÍTICA DE EMBRANQUECIMENTO E INVISIBILIDADE

JÚLIO RIBEIRO XAVIER<sup>1</sup>;  
ÉDIO RANIERI DA SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [zulurib@yahoo.com.br](mailto:zulurib@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [edioraniere@gmail.com](mailto:edioraniere@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho em questão tem a finalidade de construir caminhos nas discussões sobre o racismo no Brasil.

O debate sobre antirracismo no Brasil, assim como ensinar a ser antirracista, passa obrigatoriamente pela necessidade de desconstruir o mito da democracia racial. Essa ideologia foi muito bem consolidada no imaginário de brancos e negros, constituindo as suas subjetividades.

Antes mesmo da Abolição, o abolicionista Joaquim Nabuco (1849-1910) afirmava em seus discursos que um dos grandes males da escravidão foi ter introduzido no Brasil uma grande população negra que, por ser portadora de uma cultura primitiva, influenciou de forma negativa a formação do país. Nabuco dizia que o Brasil precisava com urgência de agilizar o processo de imigrantes europeus, de preferência caucasianos/arianos com o seu "sangue superior".

Em 1890, o governo da jovem República baixou um decreto proibindo a entrada de imigrantes africanos e asiáticos. No mesmo ano um outro decreto passa a perseguir religiões africanas.

O conceito de raça, mais precisamente o racismo científico, partindo da Europa, passou a ser difundido em todo o mundo. O Brasil recebeu grande influência das ideias do Conde de Gobineau (1816-1882), um diplomata francês que atuava no País e que propagava essa "teoria" por aqui. Para Gobineau o Brasil estava fadado ao fracasso como Nação alegando que a mestiçagem seria um empecilho para se tornar um grande País.

No Brasil o racismo científico encontrou uma boa recepção entre autoridades e intelectuais da época, pois como herança da escravidão tínhamos a maior população negra fora do continente africano e este seria o principal motivo de impedimento de nossa "evolução".

A partir dessa percepção já podemos identificar os elementos primordiais que estruturaram a subjetividade da população brasileira na relação entre negros, indígenas e brancos.

Essa percepção sobre o futuro da população negra e mestiça do Brasil muda a partir dos anos 1930, mas não desaparece. O discurso racista começa a perder força nos argumentos do campo político e nas interpretações do processo de desenvolvimento nacional. O aspecto positivo da mestiçagem no Brasil passa a ser considerado um importante elemento da unidade do povo brasileiro, fruto da superação das diferenças entre as raças, que a convivência harmônica permitiu ao país "se libertar" dos conflitos raciais observados em outros países. A partir daí, legitima-se a nossa democracia racial, valorizando a mestiçagem que na

realidade tinha por objetivo encobrir a manutenção de privilégios da população branca através do racismo e a sua providencial "redução de danos." O fundamental era ainda buscar "alternativas" para solucionar o "problema da população negra" no Brasil.

De acordo com a explanação do médico e cientista João Batista Lacerda (1846-1915), diretor do Museu Nacional, representante do Brasil no I Congresso Universal das Raças, realizado em julho de 1911, em Londres, o Brasil negro e mestiço em cem anos seria povoado por uma população branca, pois a miscigenação com o povo europeu cumpriria o "nosso destino".

Lacerda estava tão convicto em seus argumentos que em sua comunicação recorreu ao que seria o "ícone" do pensamento da sociedade brasileira sobre o modelo de povo desejado. Utilizou como ilustração a reprodução da pintura *A Redenção de Cam*(1895), obra do pintor espanhol Modesto Brocos (1852-1936).

*A Redenção de Cam* apresenta uma mulher idosa de pele negra, de lenço na cabeça, descalça em gesto de agradecimento, uma mulher mais nova de pele menos escura, sentada carregando uma criança branca em seu colo e ainda um homem branco sentado na porta de uma casa com um olhar contemplativo direcionado ao filho. A imagem ressalta a diferença nas tonalidades de suas epidermes.

A obra retrata de forma simbólica as teorias raciais que permeiam os discursos na Europa e seus reflexos no Brasil, do fim do século XIX na busca pelo "embranquecimento" da população por meio da miscigenação.

Quem seria Cam? Qual é a sua história? Essa resposta encontramos na Bíblia Sagrada. De acordo com seus escritos Cam, foi um dos três filhos de Noé que conforme relato no livro de Gênesis, embriagou-se com vinho e Cam então entrou na tenda onde o pai estava despido e contou aos seus irmãos Sem e Jafé, que lhe cobriram com uma capa, manifestando o respeito que Cam não teve. Ao despertar, Noé soube e lançou uma maldição sobre Cam.

"Maldito seja Cam; seja servo dos servos de seus irmãos".

A partir dessa interpretação tortuosa da Bíblia argumentou-se que os negros foram amaldiçoados com a escravização. Foram essas as justificativas para a Europa cristã, com o respaldo da Igreja, escravizar os povos do continente africano.

Converter a "maldição" lançada por Noé em "redenção" seria a "salvação" que por sua vez levaria a extinção do negro que se torna branco.

Dessa forma, o quadro apresenta de forma "didática" o processo de "evolução" da família.

Dentro dessa lógica da política de embranquecimento, o apagamento e a invisibilização da população negra no Brasil ganha contornos simbólicos.

Neste sentido, podemos destacar a trajetória do pintor negro pelotense Miguel Barros (1913-2011) conhecido como Barros, o Mulato. Além de artista plástico, Barros também era um ativista do movimento negro durante o período em que viveu na cidade de Pelotas (SABANY, CARVALHO, 2019).

Além de realizar inúmeras exposições, Barros, na década de 1930, dividiu seu tempo entre as atividades no Jornal "A Alvorada" e sua atuação no movimento negro.

Apesar dessa trajetória Miguel Barros continua sendo uma figura desconhecida e/ou invisibilizada não só em Pelotas, mas no Brasil.

## 2. METODOLOGIA

O trabalho de pesquisa, além de uma revisão bibliográfica, requer uma investigação nos arquivos da Biblioteca Pública Pelotense, na busca por informações sobre a trajetória de Barros, antes do seu deslocamento para a cidade de Mogi das Cruzes-SP, pois essa biblioteca guarda boa parte do acervo do Jornal "A Alvorada", no período de sua atuação no jornal e no movimento negro. A partir dessas informações pretendemos conhecer o seu papel como artista e jornalista no combate ao racismo em Pelotas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Produzir um "diálogo" entre a obra "A Redenção de Cam" e a invisibilização de Barros como artista e ativista do movimento negro, possibilita uma discussão sobre racismo e o processo de branqueamento no Brasil, além das suas consequências na constituição da subjetividade da população negra.

Neste sentido, na análise de obras de autores(as) negros (as) que tratam do tema percebemos a luta pela consciência racial e valorização do povo negro, expondo as condições da população negra no Brasil, abalando a narrativa da democracia racial e promovendo uma discussão sobre a situação da vida emocional da população negra na sociedade brasileira que é orientada por valores brancos, impondo o silêncio e sanções aos "rebelados"

## 4. CONCLUSÕES

Devemos considerar que a "jovem República" implementou políticas de imigração, as quais a "tonalidade da pele" era elemento fundamental para receber direitos e benefícios do Estado no processo de branqueamento da população brasileira e as suas consequências são sentidas até hoje pela população negra, conforme dados apresentados por diversos órgãos de pesquisa.

Assim, diante de tal realidade, este trabalho pretende proporcionar informações relevantes para aprofundar o debate sobre o tema.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de & SABANY, Darlene Vilanova. **Barros, o mulato: o pintor negro pelotense**. Revista Seminário de História da Arte, Vol. 01, Nº 08, 2019.

GONZALEZ, Lélia & Hasenbalg, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/lc3a9lia-gonzales-carlos-hasenbalg-lugar-de-negro1.pdf>. Acesso em: 5 Jun 22.

LOTIERZO, Tatiana H. P. e SCHWARCZ, Lilia K. M. **Raça, gênero e projeto branqueador: "a redenção de Cam"**, de modesto brocos. nº 5, 28 Set 13. Disponível em: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article254>. Acesso em: 4 mai 22

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.225-242.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro” - As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**; Ed. Graal, RJ-1983.